

LETRAMENTO DE LICENCIANDOS(AS): FORMAR CRITICAMENTE, FORMAR ENGAJADAMENTE

SAHMARONI RODRIGUES DE OLINDA¹

RESUMO

O trabalho tem como objetivo discutir o letramento de licenciandos(as) no grupo de estudos bell hooks, Pedagogia engajada e formação docente. Trata-se de perceber como leitura do mundo e leitura da palavra se entremesam, complexificam-se e se ampliam quando em contato com leituras de autores e autoras críticas. Como base teórica, utilizamos os fundamentos de uma pedagogia engajada proposta por bell hooks (2017,2020). O trabalho foi elaborado a partir de depoimentos e entrevistas com 8 estudantes dos cursos de Pedagogia, Ciências Biológicas e Ciências Sociais da Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi) cuja participação no grupo de estudos se deu durante o semestre 2022.1, e analisado levando em conta perspectivas que se repetiam nos depoimentos, e diferenças na maneira como cada um(a) figurava o modo como a obra da autora impactou sua leitura de mundo. Como resultados, pudemos perceber no material produzido nas entrevistas que a leitura da educadora estadunidense causou forte impacto no modo como o grupo entendia a docência, e o modo como decidiram se engajar concretamente na formação do grupo como uma comunidade de aprendizagem

Palavras-chave: formação docente; comunidade de aprendizagem; pedagogia engajada; Leitura; Letramento.

1 Docente do Pedagogia da Faculdade de Educação de Itapipoca da Universidade Estadual do Ceará - UECE, sahmaroni.rodrigues@uece.br

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é discutir o letramento de licenciandos(as) no grupo de estudos “bell hooks, Pedagogia engajada e formação docente”. Trata-se de perceber como leitura do mundo e leitura da palavra se entremeiam, complexificam-se e se ampliam quando em contato com leituras de autores e autoras críticas., a partir de falas discentes coletadas ao longo do semestre 2022.1, em nossos encontros semanais para discutir a pedagogia engajada proposta pela autora negra estadunidense bell hooks.

Para tanto, os objetivos específicos são: elencar aspectos gerais de uma pedagogia engajada segundo bell hooks; apresentar a maneira como estruturamos o grupo de estudos, e entender como a leitura de obras da autora modificam/impactam na leitura de mundo dos(as) futuros(as) professores(as).

Desse modo, este texto seguirá os seguintes movimentos retóricos: primeiramente, apresentaremos o percurso metodológico para coletar os dados aqui apresentados; em seguida, elencamos elementos gerais para uma pedagogia engajada a partir de bell hooks; por fim, apresenta-se a proposta do grupo de estudos e seus objetivos juntamente com as falas de estudantes sobre as leituras realizadas, seguido da conclusão.

METODOLOGIA

Para a produção de dados desta pesquisa, partilhamos da perspectiva segundo a qual o docente deve refletir sobre seu próprio processo de organização do trabalho didático, de modo a refletir sobre sua práxis para melhorá-la, tornando evidentes seus pressupostos, suas concepções e crenças, uma vez que nenhuma educação é neutra (PIMENTA, 2014).

Assim, juntamente ao grupo de estudos “bell hooks, pedagogia engajada e formação docente”, propusemos, ao final do semestre, uma avaliação de nossas atividades, uma vez que se tratava de nosso primeiro semestre como grupo de estudos, e a maioria não conhecia a obra da autora estadunidense. Feitos os acordos, fizemos um grupo focal (MELO, 2005) de modo que as falas de uns pudessem ir se enriquecendo nas falas do demais, criando-se sentidos coletivos e

colaborativos para entendermos os impactos da leitura de bell hooks sobre nossa leitura de mundo (FREIRE, 2022).

Coletados os dados através da gravação em áudio, ouvimos repetidas vezes de modo que pudéssemos apreender os sentidos construídos pelo grupo, levando em conta os aspectos levantados pelos sujeitos individuais no sujeito-grupo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Como seduzir estudantes desiludidos com a academia? Desiludidos com os maus-tratos oriundos de suas relações com a escola? Como formar pessoas abertas ao sonho com os pés fincados na realidade, atentando para as possibilidades de cada momento? Como nos lembra bell hooks:

Quando escuto estudantes falando sobre a miríade de maneiras pelas quais se sentem diminuídos por professores que se recusam a reconhecer sua presença ou a lhes dispensar o básico da gentileza em sala de aula, fico impressionada com nosso poder, como professores, de ajudar ou machucar nossos estudantes, de fortalecer seu espírito ou quebrá-lo (HOOKS, 2020a, p.105)

Foi avançando nesses questionamentos e em confronto com as demandas dos/as estudantes por serem escutados/as que retomei leituras de Paulo Freire, autor que me acompanha desde minha atuação em instituições de acolhimento institucional para adolescentes em situação de vulnerabilidade social, e comecei a fazer leituras de bell hooks, autora que me chegou em 2019, por sugestão de uma estudante de uma das primeiras turmas de Didática I, em 2019, quando atuava na Universidade Federal do Ceará.

Não se tratava, portanto, de forjar situações de participação das turmas, mas de tentar convencê-las, seduzi-las a se engajarem em sua própria formação, lançando-lhes o convite a se rebelarem contra as interpelações de apassivamento recebidas outrora, e sentindo as dores desse processo de negação de sua condição humana, apropriarem-se de sua formação, formando coletivamente uma comunidade de aprendizagem/reflexão sobre a profissão docente e suas múltiplas dimensões.

Freire, desde seus primeiros escritos, propõe que educar é um ato de comunhão entre seres humanos em processo de libertação e conscientização de suas amarras e de seus papéis históricos na transformação das relações sociais. Para tanto, em sua *Pedagogia do Oprimido*, o educador pernambucano chama nossa atenção para o fato de que é preciso, na própria “metodologia” do processo educativo, que educandos/as e educadores/as se percebam educandos/as-educadores/as e educadoras/es-educandos/as, isto é, aprendemos e ensinamos uns com os outros, mediados pelo mundo (FREIRE, 2020c).

Entretanto, o autor nos lembra que, devido ao processo de desumanização, alguns grupos não estão acostumados a se engajarem em sua libertação, pois foram coisificados, foram despojados de seu direito e papel de seres pensantes, seres históricos que podem ser mais. Assim, “a presença dos oprimidos na busca de sua libertação, mais que pseudoparticipação, é o que deve ser: engajamento” (*op.cit.* p.78).

bell hooks, grande interlocutora e admiradora de Freire, irá nos lembrar, de modo semelhante, da importância de se pensar e praticar uma pedagogia engajada que mobilize e seduza estudantes, principalmente aqueles e aquelas vindos/as dos grupos dominados que foram silenciados e foram acostumados à obedecerem, especialmente em sala de aula (HOOKS, 2017), de tal modo que, nos diz a autora:

Quando pedimos para as pessoas explicarem o que significa uma aula entediante, em geral elas culpam o professor. Não pensam na sala de aula e no que acontece lá como uma criação a partir da interação mútua entre professores e estudantes. Para eles, a sala de aula “pertence” ao professor ou à professora, e ela ou ele é o único fator determinante dos acontecimentos. É dessa forma que a maioria dos estudantes tem sido ensinada a pensar sobre a educação escolar (HOOKS, 2020a, p. 183).

Assim, herdado o silenciamento, cria-se uma verdadeira pedagogia do silenciamento, sendo praticada ao longo da escolarização (FERRAREZI JR, 2014), que faz com que estudantes cheguem aos cursos de formação docente com medo de se posicionarem, apáticos/as à sua própria formação, ou com postura não dialógica, pois não aprenderam a discordar sem necessariamente querer eliminar com quem se discorda, ficando toda a responsabilidade da criação de um espaço

de reflexão para o/a docente, o que contradiz a perspectiva de, como Freire e hooks, entendermos a necessidade de uma pedagogia que engaje docentes e discentes na formação de sujeitos críticos, sensíveis ao mundo, dispostos/as a transformá-lo, com desejo de se responsabilizar pelas escolhas das gerações passadas e modificá-las quando for para o bem comum, vivendo conflitos como inerentes ao processo dialógico.

Trata-se de compreender que temos sim poderes diferenciados em sala de aula, uma vez que “é evidente que professores têm mais poder e, de fato, mais responsabilidade pelo que acontece na sala de aula”, mas sem negar nosso papel nela, sem negar nosso lugar de fala, sem evitar nos posicionarmos, aprendendo/encontrando maneiras de sermos co responsáveis pelo andamento das atividades, engajando-nos no processo de criação coletiva de conhecimento, uma vez que “estudantes também determinam a dinâmica” (HOOKS, 2020a, p. 184).

Desse modo, uma pedagogia engajada pressupõe de um lado o engajamento de docentes na busca de modos de seduzir e incentivar discentes a se fazerem presentes na produção das aulas/encontros coletivos, e de outro, discentes comprometidos/as com sua própria formação, com a transformação da sala de aula em um evento coletivo, dinâmico. Trata-se, portanto, de uma aprendizagem coletiva, que nos faça perceber nossa cultura do dominador entranhada em nós, e que exercite e se engaje em ir além dela, compondo momentos de amorosidade em que a democracia seja uma prática (FREIRE, 2020a).

Portanto, entendendo a pedagogia engajada como uma forma de relação educativa, uma perspectiva teórica da educação baseada no “entendimento de que aprendemos melhor quando há interação entre estudante e professor” (HOOKS, 2020a, p. 47), interação pautada na corresponsabilidade/engajamento no processo de se criar um ambiente de exercício democrático de produção de conhecimentos, que elementos poderíamos elencar neste curto espaço textual?

Um dos primeiros elementos, e um dos mais importantes, é o papel do docente na proposta pedagógica engajada: Freire sempre destacou a importância do/a docente no processo educativo: de um lado, responsável pela organização do ensino, de outro responsável por mobilizar os grupos com os quais atua, de modo a atuar com eles, e não para eles (FREIRE, 2020c), como também a importância de estar atento para que

não perpetue o ciclo de desumanização e autoritarismo tão comuns em nossa sociedade marcada por relações autoritárias.

Para o autor, devemos estar atentos/as neste processo, de modo que evitemos o autoritarismo sem cair na licenciosidade que tudo permite e não se engaja no processo, uma vez que tem medo de parecer autoritário/a: “o espontaneísta é anfíbio - vive na água e na terra - não tem inteireza, não se define constantemente pela liberdade nem pela autoridade” (FREIRE, 2020a, p. 84).

É importante, portanto, que docentes se engajem e reflitam constantemente sobre sua postura de modo a não cair nem no autoritarismo, nem a licenciosidade de uma pedagogia espontaneísta (“deixe acontecer naturalmente”), mas na autoridade que convém à docência: autoridade que fala com os/as discentes, que reconhece seu poder e por isso mesmo cuida para que não o abuse, ou, como diria bell hooks, sem negar sua autoridade e sempre atento/a à sua maior margem de poder que os/as discentes, é preciso aprender para ensinar “ a diferença entre a educação como prática da liberdade e a educação que só trabalha para reforçar a dominação” (HOOKS, 2017, p12).

É exatamente por deter mais poder na relação educativa que, segundo a autora, docentes devem estar mais atentos/as para que a hierarquia não vire um exercício de dominação, uma vez que negá-la seria partir para o escamoteamento de tal hierarquia, ou reduzi-la como fatalidade à relação de dominação:

Não somos todos iguais na sala de aula. Professores têm mais poder que estudantes. e na cultura do dominador, é fácil para os professores usarem mal esse poder. (...) Devemos estar dispostos a reconhecer a hierarquia, que é a realidade de nosso status diferenciado, e, ao mesmo tempo, demonstrar que diferença de status não precisa levar à dominação ou a qualquer forma de abuso de nosso poder (HOOKS, 2020a, p. 179).

É também a possibilidade de violência ao outro que faz com que haja uma responsabilidade maior do/a docente em se engajar em refletir sobre sua prática e postura, e tanto Freire (2000a, 2000b, 2000c) como hooks (2017, 2020a, 2021) repetirão abundantemente esta necessidade, de um lado porque vivemos numa cultura de dominação, e de outro devido a ser mais naturalizado o fato de hierarquia

ser quase sinônimo de dominação ou diminuição do/a outro, como é o caso da cultura universitária, e recontando um pouco de sua trajetória, a autora rememora que “aprendi que, longe de ser autoatualizada, a universidade era vista antes como um porto seguro para pessoas competentes em matéria de conhecimento livresco, mas inaptas para a interação social” (HOOKS, 2017, p,28).

Partindo de seu engajamento no processo pedagógico, cabe, então ao/à docente seduzir (HOOKS, 2017) os/as estudantes de modo que estes e estas se vejam engajados em sua própria formação, sintam amor pelo processo de conhecer, amor não como uma palavra oca, como diria Freire (2020a), mas como ação, “como a vontade de nutrir o nosso crescimento espiritual e o de outra pessoa” em cujo cerne “abuso e negligência são, por definição, opostos de cuidado” (HOOKS, 2020b, p.48) e que demanda outros ingredientes como: carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso, confiança, honestidade e comunicação aberta (op.cit.).

Engajar estudantes em sua própria formação-existência de modo a nutrir e crescer espiritualmente tendo como foco o combate a todas as formas de opressão criadas pela cultura de dominação patriarcal, imperialista, capitalista, supremacista branca que reduz o conhecimento a habilidades, que reduz o ato de estudar a um modo de ocupar uma vaga no sistema de trabalho exploratório-predatório. Transversal a qualquer interação em sala de aula, deve estar o combate a todas as formas de exploração/diminuição do outro acumuladas pelo sistema capitalista que domina e aprisiona corpos, e é por isso que tal educação é engajada, afetiva, erótica: é a sua vida que quero bordar na minha.

A partir desse engajamento na relação pedagógica, que é uma relação humana, mas que exatamente por ser humana é política, técnica, estética, ética, afetiva, corporal, que docentes precisam testemunhar com seu corpo o engajamento no processo de ensino, falando com os/as discentes de modo a conseguir seu engajamento no processo de ensino e aprendizagem da democracia, do viver em comunidade, como nos lembra de Freire (2020a) Mas que implicações uma pedagogia engajada teria para a formação de docentes? Por que pensar nesta perspectiva poderia nos ajudar na formação de “agentes sociais” em detrimento de formarmos “tecnólogos do ensino” (VEIGA, 2002)?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo de seu engajamento no processo pedagógico, cabe, então ao/à docente seduzir (HOOKS, 2017) os/as estudantes de modo que estes e estas se vejam engajados em sua própria formação, sintam amor pelo processo de conhecer, amor não como uma palavra oca, como diria Freire (2020a), mas como ação, “como a vontade de nutrir o nosso crescimento espiritual e o de outra pessoa” em cujo cerne “abuso e negligência são, por definição, opostos de cuidado” (HOOKS, 2020b, p.48) e que demanda outros ingredientes como: carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso, confiança, honestidade e comunicação aberta (*op.cit.*).

Engajar estudantes em sua própria formação-existência de modo a nutrir e crescer espiritualmente tendo como foco o combate a todas as formas de opressão criadas pela cultura de dominação patriarcal, imperialista, capitalista, supremacista branca que reduz o conhecimento a habilidades, que reduz o ato de estudar a um modo de ocupar uma vaga no sistema de trabalho exploratório-predatório. Transversal a qualquer interação em sala de aula, deve estar o combate a todas as formas de exploração/diminuição do outro acumuladas pelo sistema capitalista que domina e aprisiona corpos, e é por isso que tal educação é engajada, afetiva, erótica: é a sua vida que quero bordar na minha, como a canção “A linha e o linho” de Gilberto Gil tão bem expressa.

Desse modo, tais reflexões e exercícios de dialogicidade a partir das experiências discentes e docentes e o diálogo com textos da autora sobre educação e formas de dominação coloniais capitalistas imperialistas podem nos auxiliar a formar (e nos formar) trabalhadores/as da educação engajados/as na luta social e na produção de políticas comunitárias de acolhimento e inclusão das diferenças e na conscientização de que os modos de ser neoliberais não são naturais, mas imposições que podem ser combatidas. Cabe à Universidade, diante do quadro atual de neofascismo, criar espaços de reflexão que possam transbordar das salas de aula e intervir em outros espaços sociais.

Foi pensando nestas questões, que foi criado o grupo de estudos “bell hooks, pedagogia engajada e formação docente” na Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi) no semestre de 2022.1, sob minha coordenação, e ligado ao curso de Pedagogia, atendendo estudantes

de Pedagogia, Ciências Biológicas e Ciências sociais. O grupo se reunia toda quinta feira, das 14 às 16h30, para discutir textos de bell hooks, professora feminista negra estadunidense, que tratavam sobre sua experiência em educação tentando combater a cultura de dominação que molda as relações nas instituições educativas.

Durante o semestre, tivemos discussão do livro “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade” (2017) de bell hooks que focam especificamente em sua experiência como educadora. Cada encontro era mediado por dois estudantes, de modo que o poder da palavra pudesse ser partilhado e todas as vozes pudessem ser ouvidas por todos e todas que fazíamos o grupo acontecer. Além disso, pensamos os encontros sempre ensaiando a participação e engajamento dos demais integrantes, de modo que se formasse uma comunidade de aprendizagem engajada na luta pela educação contra as formas de dominação vigentes como o racismo, o sexismo, o classismo, etc.

Segundo Rian, um dos integrantes do grupo, gay, estudante de Ciências Sociais, a própria maneira de organização do grupo o ajudou a compreender que aquilo que ele lia nos textos da autora era completamente viável, precisava apenas da “autoatualização do professor para ele entender que não se luta contra a dominação fora das relações do cotidiano. Acho que foi o que mais me tocou. Porque a leitura me fez ter vontade de mudar algumas coisas, e ver o exercício no grupo, causou mais impacto” (RIAN).

Como se percebe no relato, leitura do mundo e leitura da palavra se entrecruzaram em nossa experiência. Não há sentido ler uma autora como bell hooks, que fala sobre a necessidade de resistirmos à cultura de dominação que nos interpela em todos os momentos de nossa vida, sem tentarmos ensaiar a boniteza do que ela propõe no cotidiano, com todas as nossas contradições. Desta maneira, o relato de Rian aponta para a tentativa do grupo de se engajar, uma vez que as atividades só poderiam ocorrer de maneira satisfatória se houvesse engajamento dos próprios sujeitos na formação da comunidade de aprendizagem.

Ruivo, estudante de Ciências Sociais, também traz como relato a ideia “de como não possível fugir à questão da dominação. Foi o que mais me impactou. bell hooks é enfática: vivemos e somos formados numa cultura de dominação. O que podemos fazer é resistir, mas de

dentro. E não há fim. Ninguém é desconstruído como se diz nas redes. Estamos sempre em processo” (RUIVO).

O relato acima, aponta para um impacto que foi relatado por todas as componentes do grupo: o racismo, o sexismo, e outras formas de dominação/exclusão estão presentes e nos formam. Cabe a nós, segundo hooks, lutarmos contra toda forma de dominação. Entretanto, esta luta não acaba, e precisamos estar atentos(as), sabendo-nos contraditórios(as) pois que vivemos numa sociedade cosida pela contradição. Não fugimos a esses condicionamentos, mas podemos resistir a eles. Para isso, precisamos admitir que eles existem.

Clariana, estudante de Ciências Biológicas, traz para nosso grupo o relato de como as leituras da autora impactaram sua maneira de perceber os educandos das escolas. Segundo seu relato, ela sempre era chamada para substituir uma professora numa escola cuja turma era considerada muito bagunceira. Ela chegava “armada” contra os estudantes e saía se perguntando se queria realmente ser docente. Segundo ela, isso mudou depois que ela percebeu que não precisava temer seus estudantes ou ser distante em relação a eles: “ler bell hooks, principalmente o texto sobre o erótico na educação, me fez entender que posso ser amigável com a turma, que posso tentar mobilizar o desejo deles para aprenderem. E isso mudou minha vida porque eu fui substituir a professora e não precisei mais botar força para me mostrar distante deles. Quando falei para eles que não era inimiga deles, mas estava ali para ajudá-los a aprender, tudo mudou. Não tô exagerando. Rimos, teve bagunça em alguns momentos, mas a aula fluiu, eles me respeitaram. Acho que entender que posso ser assim como professora me fez querer ser professora, e professora compromissada” (CLARIANA).

Este é, sem dúvida, o relato mais interessante do grupo, pois traz uma perspectiva de tentativa de mudar as relações escolares a partir de uma perspectiva possível aprendida na leitura da autora e ensaiada no grupo: é possível um clima de amizade e respeito na sala, e isso é a autoridade docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi discutir o letramento de licenciandos(as) no grupo de estudos “bell hooks, Pedagogia engajada e formação

docente”. Trata-se de perceber como leitura do mundo e leitura da palavra se entremeiam, complexificam-se e se ampliam quando em contato com leituras de autores e autoras críticas., a partir de falas discentes coletadas ao longo do semestre 2022.1, em nossos encontros semanais para discutir a pedagogia engajada proposta pela autora negra estadunidense bell hooks.

Como conclusões, pudemos perceber o impacto que a leitura da obra da feminista negra estadunidense bell hooks exerceu sobre as pessoas que integram o grupo dedicado a estudar sua obra e ampliar a leitura do mundo, a partir da leitura da palavra. Se estamos numa sociedade cuja dominação adentra todos os aspectos de nossa vida, precisamos garantir que docentes em formação inicial tenham acesso a leituras que os(as) façam ampliar suas percepções, de modo a ensaiarmos outras possibilidades de mundo, de sociedade, fugindo do fatalismo neoliberal que quer nos fazer acreditar que as relações são naturalmente de dominação, e que lutar contra elas seria lutar contra nossa própria natureza.

REFERÊNCIAS

FERRAREZI JR, Celso. **Pedagogia do silenciamento**: a escola brasileira e o ensino de língua materna. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

FRANCO, Maria Amélia Santoro, PIMENTA, Selma Garrido. Didática multidimensional: por uma sistematização conceitual. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 37, nº. 135, p.539-553, abr.-jun., 2016.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020a.

FREIRE, Paulo: **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020c.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir** – a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Editora Elefante, 2020a.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante, 2020b.

HOOKS, bell. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

MELLO, Ana Gláucia C. **Metodologia de Pesquisa**. Palhoça: Unisul, 2006

PIMENTA, Selma Garrido. Epistemologia da prática resignificando a Didática. In: FRANCO, Maria Amélia Santoro; PIMENTA, Selma Garrido (Orgs). **Didática**: embates contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p.15-43.